

Despertando o gosto pela leitura

Eunice Maria das Dores Nicolau

E. SESI Alvimar Carneiro de Rezende

Rede Municipal de Ensino — BH

Antes de se falar em leitura e despertar do gosto pela leitura é preciso que se tenha em mente uma clara conceituação do ler. Paulo Freire afirma que o ato de ler “não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas (...) se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.”¹

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que, infelizmente, em nossas escolas quase não se pratica a leitura, que, além de não se realizar como uma atividade gratificante e prazerosa, é encarada, pela maioria dos alunos, como um trabalho extremamente maçante e indesejável. E o resultado da ausência dessa leitura é traduzido, dentro e fora da comunidade escolar, em frases como: “o jovem de hoje não sabe ler”, “nossos alunos são analfabetos”, “eles não dão conta de fazer minha prova (de qualquer disciplina) porque não conseguem ler as questões propostas” etc. etc.

Sem dúvida, os nossos alunos não são leitores, e as justificativas para tal fato não constituem mistério. De um lado, as múltiplas e atrativas formas de passar o tempo (lazer?) absorvem o jovem de hoje, que não encontra, na convivência com a família, as mínimas condições para se tornar um leitor — a leitura não tem tradição entre a maioria das famílias de nossos alunos, integrantes das classes populares, às quais a escola abriu suas portas não faz muito tempo. Além disso, os pais entregam seus filhos à escola, que deve se incumbir de uma única tarefa: providenciar um diploma. Nas classes mais favorecidas, espera-se que a escola dê ao aluno a habilitação legal para suceder ao pai, ou seja, preservar a posse do poder; nas classes menos favorecidas, espera-se que a escola possibilite (também em termos de legalidade!) a garantia de um emprego que faça do filho/aluno “alguém na vida”. Em ambas as situações é evidente a

Rev. Est. Língua Port., Belo Horizonte, 3: 9-20, 1985.

¹ FREIRE, Paulo. *A Importância do ato de ler*. São Paulo, Cortez, 1982. p. 11-12.

falta de preocupação, dos pais, com a verdadeira leitura: a leitura como capacidade de perceber, relacionar, criticar, questionar para decifrar o mundo e, conseqüentemente, promover a integração nesse mundo; a leitura indispensável para se viver como pessoa, entre pessoas, num mundo que, se não é, deveria ser de todas as pessoas.

De outro lado, a escola, preocupada com o que é, sem dúvida, mais palpável, mais facilmente mensurável e capaz de ser expresso através de números (a escola adora números!), não se compromete com a leitura; utiliza o tempo dedicado às aulas de Língua Portuguesa para repetir defasadas regras de funcionamento da língua e listas de exemplos que não se renovam. O que posteriormente é cobrado através de "provas". Quanto aos textos, utilizados nas referidas aulas, não há como discordar de João Wanderley Geraldi, que diz: "Nas aulas de Português não se lêem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isto nada é mais do que simular leituras."²

Cabe aqui um parêntese para que seja registrado um fato que venho observando e que me parece bastante curioso: antes de ser alfabetizado e mesmo durante as primeiras séries, o aluno se mostra interessado em ler; na medida em que aumenta o grau de escolarização, essa vontade de ler diminui ou chega mesmo a deixar de existir, cedendo o seu lugar ao desinteresse.

Não seria lógico que acontecesse exatamente o oposto? Como, então, explicar tal incoerência?

Tal fato mostra-nos que a proposta de leitura desenvolvida pelas nossas escolas precisa ser repensada. Lamentavelmente, a leitura pela leitura, a leitura por prazer, não se insere nos planejamentos escolares — ler tem consistido, apenas, em obrigação. Por isso, na sala de aula, a "leitura" é praticada independente do interesse do aluno em relação ao texto a ser lido, e o que se faz, em vista disso, não vai além de uma desagradável repetição de palavras, da qual o aluno quer se ver livre o mais depressa possível. E o que se propõe, em termos de leitura extraclasse, é dentro desse mesmo espírito: o aluno convive com a tortura de ter que "ler" páginas e mais páginas para, depois, responder a meia dúzia de questões (às quais serão atribuídas notas), elaboradas a partir da leitura do professor e redigidas numa linguagem indecifrável, com o objetivo único de testar (o que quase nunca é feito) a veracidade das palavras do aluno ao afirmar que leu o livro marcado. Nessas condições, o ato de ler constitui, realmente, uma tarefa, e das mais penosas.

² GERALDI, J. Wanderley, org. *O Texto na sala de aula*. 2.ed. Cascavel, ASSOESTE, 1985. p. 78.

Assim sendo, o que a escola consegue é criar no aluno a idéia de que ler é algo muito difícil, realizável só mesmo pelos professores de Português, as únicas pessoas capazes de enxergar todas aquelas "coisas" que, de acordo com os exercícios propostos, encontram-se nos textos. Dessa idéia resulta, irremediavelmente, a falta de motivação (ou melhor, a desmotivação) para a leitura, que, em consequência, tem deixado, mais e mais, de se realizar.

O hábito de ler = resultado de um processo

Estou convencida de que a escola pode não só despertar no aluno o gosto pela leitura, mas ir mais longe ainda - criar condições para que a aversão pela leitura ceda espaço para que o ato de ler seja praticado com prazer, passe a ser uma atividade tão agradável quanto jogar bola, dançar, ir ao cinema, pescar etc. etc. etc. E essa convicção não é fruto de teorias; é resultado de uma experiência que venho realizando com alunos de primeiro grau, numa escola que atende à comunidade industrial de Contagem (Escola SESI de 1º grau Alvimar Carneiro de Rezende), nos últimos dois anos, e através da qual a leitura é trabalhada da seguinte maneira:

1º) A leitura é colocada para o aluno como um *direito* dele (e não como um dever, imposto por quem exerce o poder dentro da escola);

2º) Na leitura de textos longos, antes de ser passada às mãos dos alunos, a obra é ligeiramente comentada pelo professor, que, muitas vezes, inicia a leitura dos textos (dentro ou fora da sala de aula);

3º) O prazo para que cada livro seja lido é flexível; em princípio, há uma data para se concluir a leitura (cada aluno faz seu próprio controle), mas, se esse tempo se esgota e, entre aqueles alunos que não chegaram ao final da leitura, verifica-se o interesse em fazê-lo, novos prazos são estipulados, respeitando-se as diferenças individuais;

4º) Tomando como referência o primeiro prazo estipulado para a conclusão da leitura, realizam-se seminários, discussões, leituras de trechos mais interessantes (tais leituras são feitas ou individualmente ou por grupos de alunos, dependendo das possibilidades oferecidas pelos próprios textos);

5º) Não se propõe qualquer atividade que traduza numericamente a realização (ou não) da leitura e/ou a interpretação da obra lida; a certeza de que o livro foi, realmente, lido é obtida através da informação dada pelo próprio aluno, acrescida da postura deste em relação às leituras dos outros integrantes do grupo e em relação às novas leituras propostas.

Embora sendo muito novo e realizado com um número peque-

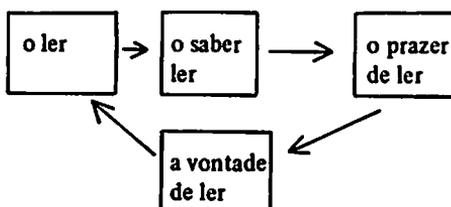
no de alunos³, esse trabalho pode ser considerado uma experiência que tem dado certo – o crescimento do grau de interesse por parte dos alunos em relação às leituras propostas tem se mostrado sensivelmente significativo (o que pode ser comprovado através, inclusive, de avaliações feitas por esses alunos e que se encontram ao final do presente artigo).

Dessa forma vêm sendo comprovadas as hipóteses que justificaram a minha decisão de realizar esse trabalho e que podem ser assim sumariadas:

1ª) Para que o aluno chegue a praticar a leitura, e com prazer, é necessário que, antes de se dispor a ler determinado texto, ele se envolva com esse texto a ponto de desejar conhecê-lo por inteiro; é necessário que o aluno preveja a leitura como uma atividade agradável;

2ª) É de grande importância, para o aluno, poder expressar a sua leitura e, mais importante ainda, poder perceber a aceitação de sua leitura por parte do professor. A partir do momento em que vê a sua leitura sendo aceita, discutida, respeitada, o aluno se sente competente para ler outro livro e se (pre) dispõe a fazê-lo, com satisfação. Quanto mais textos lidos, maior a facilidade para se praticar a leitura, que acaba se transformando num hábito.

Assim sendo, parece-me claro que o hábito de ler é (e o gosto pela leitura pode ser) o resultado de um processo que pode ser representado pelo seguinte esquema:



Como desencadear esse processo

A meu ver, o hábito de ler pode-se tornar comum entre os nossos alunos. Mas, para isso acontecer, é necessário, em primeiro lugar, que a escola acredite no aluno e nela mesma – no aluno, como alguém capaz de ler e, nela mesma, como um elemento que pode fazer desencadear o processo do qual resulta o hábito da leitura; em segundo lugar, que a escola se preocupe com estas questões:

- a) O que ler?
- b) Como é possível o aluno criar coragem para enfrentar

³ Este trabalho, iniciado há três anos, já atingiu, até a presente data, cerca de 630 alunos de 7ª e 8ª séries, assim distribuídos: 170 da Escola Benjamin Guimarães em 1982 e 90 em 1983; 70 da Escola Alvimar Rezende em 1983, 140 em 1984 e 160 em 1985.

- um texto longo?
- c) Como propiciar ao aluno condições para expressar a sua leitura e saber das leituras dos outros?

O que ler

Os nossos alunos, como já foi dito, não são leitores nem convivem com leitores e só se preocupam em “ler” os livros que, por ventura, são marcados para, posteriormente, constituírem assuntos de provas; livros esses que são sempre (e há muitos anos) os mesmos. E essa falta de renovação dos textos a serem lidos persiste por várias razões. Uma delas é o fato de muitos professores também não serem leitores; assim como nossos alunos, eles não chegaram a descobrir o prazer de ler e, por isso, só conhecem os poucos livros que leram também sob pressão, mas acreditam ser os melhores, por terem sido indicados por seus respeitáveis professores de outras épocas. Um segundo fator que concorre para a manutenção dessa postura no que se refere à seleção do que pode ser lido é a falta de consciência dos professores a respeito da importância do seu papel na formação do hábito de ler. Se, ao contrário, o professor se propõe a buscar formas de tornar as leituras agradáveis, aí, sim, ele passará a conviver com a necessidade de renovação. Além de tudo isso, não se pode esquecer que a falta de tempo (e de forças!) do professor consiste, também, em elemento preponderante na determinação desse estado de coisas. Infelizmente, o professor, para sobreviver, precisa passar mais da metade do dia correndo de uma sala de aula para outra e, por isso, permanece tão (ou mais) despreparado do que quando saiu da Faculdade.

Nessas condições, falta, então, à maioria dos que trabalham (e trabalham muito) com o ensino da nossa língua uma fundamentação teórica mínima, indispensável àquele que se propõe a orientar o exercício da leitura. Na seleção dos livros a serem sugeridos aos alunos é preciso estar atento para alguns pontos, dentre os quais se destacam: a questão da maturidade do leitor e a questão da variabilidade lingüística.

A questão da maturidade do leitor

Segundo Marisa Lajolo, “a maturidade do leitor é construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida.”⁴

Não é justo, pois, que o professor indique a um aluno de

⁴ LAJOLO, Marisa. O Texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina, org. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. p. 53.

8ª série, por exemplo, um livro que ele (professor) leu quando cursava a 8ª série, ou que outros alunos seus, também de 8ª série, já leram. É imprescindível que o professor faça uma sondagem e verifique o nível de interesse, de maturidade do aluno/leitor, independente da série em curso.

A questão da variabilidade lingüística

Se a leitura implica estabelecimento de relação texto/contexto, o professor, ao se propor selecionar livros para seus alunos, não pode ignorar que a língua é uma soma de variedades e que todas as variedades lingüísticas são igualmente boas e legítimas, merecendo, por isso, todas elas, serem levadas em conta. Infelizmente, o que se verifica, com frequência, entre grande número de professores é o total desconhecimento do que é saber a língua e o difundido preconceito de que a língua boa, a língua correta é apenas aquela tida como padrão. Isso leva os professores a abominarem os livros nos quais se reproduzem os dialetos populares e a empurrarem nos alunos os livros “impenetráveis”, escritos numa modalidade de língua que os alunos não dominam (e, muitas vezes, os professores também não).

Outros pontos de grande peso na seleção do que ler

Contando com apenas quatro (raramente, cinco) aulas semanais em cada turma de 40 (ou mais) alunos, a idéia de trabalhar a leitura através de uma prática de atendimento individual torna-se inviável. Além disso, em nossas escolas, as bibliotecas (quando existem) não possuem um acervo com o qual seja possível contar, e os nossos alunos não possuem recursos para a aquisição de livros. Esses dois pontos – a falta de tempo e de livros – não podem ser ignorados na hora da decisão sobre o que ler.

Sugestão de ordem prática

Para conseguir realizar o trabalho ao qual já me referi no presente artigo, tenho me valido do seguinte fato: em termos de maturidade para a leitura, dificilmente aparecem casos de alunos que destoam dos outros que cursam a mesma série (o que é, como já vimos, resultado da ausência da leitura). Assim sendo, a necessidade da assistência individual tem, por enquanto, deixado de existir e, em conseqüência, o problema levantado na seção anterior tem podido ser contornado através das seguintes medidas:

1ª) todos os alunos de uma mesma turma lêem uma mesma

obra, num certo espaço de tempo — isso permite a exploração de estratégias empregadas tanto para envolver o leitor quanto para lhe dar, depois, a oportunidade de expressar a sua leitura e de conhecer as leituras dos colegas;

2ª) a decisão sobre o que ler ficou, no início do trabalho, apenas sob a minha responsabilidade; este ano, já comecei a propor que tal decisão fosse tomada pelos próprios alunos e, para orientá-los nesse sentido, adotei o sistema de votação, apresentando-lhes, previamente, uma bibliografia comentada;

3ª) contando com o apoio da Escola e dos pais, pude concretizar a antiga idéia de criar uma mini-biblioteca⁵, da qual nós, professores de Português, podemos, efetivamente, dispor. Para isso, cada aluno tem colaborado, no início do ano, com a quantia equivalente ao custo de um livro; com o montante arrecadado são adquiridas coleções de 40 exemplares de cada obra (nessas compras por atacado e realizadas pelo professor, obtém-se o desconto normalmente concedido pelas editoras nesses casos e o número de livros adquiridos é, portanto, superior ao número de alunos que colaboram). Assim, cada aluno tem conseguido ler de 10 a 12 livros por ano, gastando o que gastaria para ler apenas um e que passa, então, a representar uma taxa paga pelo direito de utilizar o livro⁶.

Como é possível o aluno criar coragem para ler um texto longo?

O número de páginas contidas num livro só constitui elemento desanimador da leitura quando não existe, por parte do aluno, uma proposta real de realizar tal leitura. O aluno envolvido com a obra é capaz não só de lê-la integralmente, mas até de relê-la (e disso eu tenho tido provas: ver depoimentos dos alunos às p.18-20). Assim, mais uma vez, o professor entra em cena: a ele cabe a tarefa de acender a fogueira, fazer com que o livro seja recebido por alguém que deseja conhecê-lo. Para isso, é preciso que haja a preparação para a leitura e é o que tenho tentado fazer (e obtendo respostas), valendo-me das seguintes atividades⁷:

- a) Breves comentários sobre a obra, a partir de narração de algum episódio nela incluído;
- b) Leitura de algum trecho no qual figura um conflito que o aluno gostaria de ver resolvido;
- c) Leitura do(s) primeiro(s) capítulo(s) da obra sugerindo que as falas das personagens (caso existam, é claro) sejam lidas pelos alunos que manifestem interesse em fazê-lo.

⁵ Essa idéia começou a ser colocada em prática em 1982, quando eu trabalhava na Escola SESI de 1º Grau Benjamin Guimarães, sendo levada, em 1983, para a Escola SESI de 1º Grau Alvimar Carneiro de Rezende; atualmente, como estou lotada apenas nessa última, só do que diz respeito ao acervo nela existente posso falar: nesses três anos (com o empenho também dos outros professores de Português), já conseguimos adquirir um total de 1.320 livros, distribuídos em 33 diferentes coleções de 40 exemplares de cada obra.

⁶ De um lado, eu sempre fui, e continuo sendo, da opinião de que os problemas relativos à concretização do processo educacional (a falta de tempo com a qual o professor vive lutando, a inexistência de recursos materiais etc. etc. etc.) não pertencem aos professores, mas, por outro lado, acredito que esses problemas só serão resolvidos quando houver mais pessoas lendo, pois, só uma população de leitores será capaz de reivindicar e aí, sim, nós, professores, teremos outros gritos para se juntarem aos nossos na busca de melhores condições de trabalho. Assim sendo, parece-me perfeitamente lógico, coerente, e imprescindível mesmo, investir na remoção desses obstáculos que impedem nossos alunos de ler.

⁷ Essas atividades são realizadas, muitas vezes, fora da sala de aula, em ambiente descontraído (pátio interno da escola, quadra de esportes etc.), sem a formalidade daquela leitura que faz tremer, gaguejar ou perder a voz.

Como propiciar ao aluno condições para expressar a sua leitura e saber das leituras dos outros?

O professor de língua portuguesa precisa, além de estar atento (constantemente atento) para o fato de que a compreensão do texto não se faz sem que se estabeleçam as relações entre o texto e o contexto, não se esquecer de que cada leitor pode atribuir a um determinado texto uma significação diferente. Como bem lembra João Wanderley Geraldi, "o autor, instância discursiva de que emana o texto, se mostra e se dilui nas leituras de seu texto: deu-lhe uma significação, imaginou seus interlocutores, mas não domina sozinho o processo de leitura de seu leitor, pois este, por sua vez, re-constrói o texto na sua leitura, atribuindo-lhe a sua (do leitor) significação. É por isso que se pode falar em leituras possíveis..."⁸

Para que os alunos possam expressar as suas leituras, tenho buscado realizar atividades tidas como interessantes e agradáveis pelos alunos, conforme depoimentos deles transcritos às p. 18-20:

- a) comentários livres sobre a obra lida;
- b) discussões de fatos ocorridos no desenrolar da história lida e em relação aos quais surgem opiniões divergentes;
- c) leituras de trechos tidos, pelos alunos, como mais emocionantes e/ou mais bonitos (cada aluno cita a página onde se encontra o trecho eleito e sua leitura é acompanhada pelos outros elementos do grupo);
- d) dramatização de cenas, à escolha do(s) aluno(s);
- e) leitura dialogada (às vezes, tal leitura já vem ensaiada para a sala de aula, por iniciativa dos próprios alunos);
- f) montagem de textos a partir de elementos fornecidos pelos textos lidos (descrição de cenários, de personagens etc.);
- g) seminários (para essa atividade, os alunos elaboram perguntas, cuidando de mencionar as páginas nas quais é possível encontrar as justificativas para as respostas dadas);
- h) tradução da história para quadrinhos;
- i) julgamento de personagem;
- j) debates sobre os assuntos abordados nas obras, o que frequentemente acarreta a realização de pesquisas (estabelecendo, assim, a inter-relação entre diversas áreas de estudo);
- l) montagem de linha de tempo, incluindo os fatos essenciais da história.

Relaciono, a seguir, alguns temas debatidos com os alunos a partir da leitura de livros neste ano de 1985:

⁸ GERALDI, op. cit., p. 80.

- | Livro (s) lido (s) | tema (s) debatido (s) |
|---|---|
| NICOLELIS, Giselda Laporta. <i>A Serra dos homens formigas</i> . 3. ed. S. Paulo, Brasiliense, 1983. | — O problema da seca no Nordeste. |
| MOTT, Odette de Barros. <i>Justino, o retirante</i> . 22. ed. S. Paulo, Brasiliense, 1984. | — O valor atribuído ao dinheiro (o ouro) numa sociedade como a nossa. |
| PRADO, Lucília Almeida Junqueira de. <i>Antes que o sol apareça</i> . 13. ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. | — A vida do trabalhador rural brasileiro. |
| JOSÉ, Ganymédes. <i>Pai-de-Todos</i> . 10. ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. | — A migração da população rural para os grandes núcleos urbanos, em nosso país. |
| MOTT, Odette de Barros. <i>Pedro pedreiro</i> . 8. ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. | — O direito de lutar pela realização profissional. |
| MOTT, Odette de Barros. <i>Os dois lados da moeda</i> . 9. ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. | — As condições de trabalho oferecidas ao operário da construção civil.
— A vida nas favelas.
— A distribuição desigual da renda, no Brasil. |
| ALVARENGA, Terezinha. <i>Tô pedindo trabalho</i> . Belo Horizonte, Miguilim, 1982. | — A violência.
— A postura daqueles que detêm o poder em nosso país.
— O problema do menor desamparado. |
| RIBEIRO, José Hamilton. <i>Pantanal-amor-baguá</i> . 11. ed. São Paulo, Brasiliense, 1983. | — A devastação das nossas reservas ecológicas. |
| PUNTEL, Luiz. <i>Meninos Sem Pátria</i> , 5. ed. São Paulo, Brasiliense, 1983. | — O período pós-64, na história do Brasil.
— A proposta de redemocratização do país (o processo de anistia, eleições diretas, etc.) |

Vale a pena aceitar o desafio

Não há como saber ler e gostar de ler sem se praticar a leitura. Assim sendo, é preciso que a escola passe, urgentemente, a encarar com seriedade a importância do seu papel na formação de verdadeiros leitores, aceitando, então, o desafio de despertar o gosto pela leitura. As opiniões dos alunos com quem desenvolvi a experiência a que me referi neste artigo são animadoras: dos 240 alunos envolvidos, apenas um afirmou que agora gosta menos de ler do que antes. Os outros, cada um à sua maneira, disseram o que pode ser resumido através dos trechos abaixo transcritos:

Eu nunca gostei de ler devido eu ser obrigado a ler (...) mas na 7ª série mudou para melhor porque eu li os livros que eu estava a fim inclusive li todos sem aquela obrigação antiga (Marcelo Peixoto, 7ª série.)

Para falar a verdade eu não gostava de ler textos e poesias. Se eu pudesse enforcar cada autor de livros eu enforcaria. (...) Agora eu gosto de ler e escrever. Esse ano foi o maior ano de sucesso. (Maibe Oliveira, 7ª série.)

Li vários livros, alguns me fizeram vibrar (...). Gostei muito dos seminários em que participei, nos quais falei tudo o que tinha direito. Participei até de um julgamento, foi emocionante, eu era o advogado de defesa. Em fim tudo foi muito bom. (Eliene Pires, 7ª série.)

A leitura quando feita por obrigação passa a ser chata, muitas vezes faz o aluno se revoltar contra as aulas de Português, mas pelo contrário as leituras quando feitas por livre e espontânea vontade trazem ao aluno a satisfação de ler, e o mais importante, de ler bem.

Como por exemplo, eu mesmo, se fosse obrigado a ler todos estes livros, pouquíssimos eu teria lido, e mesmo se tivesse lido todos, teria tirado pouco proveito. (Audier Dias, 7ª série.)

Eu adorei este método de ensino, eu o chamo de "ler e aprender por prazer". Pois quando lemos e aprendemos por agrado, satisfação, aprendemos melhor pois eu detesto fazer as coisas obrigado. (Carmem Oliveira, 7ª série.)

Esse trabalho rendeu muito, eu por exemplo melhorei a leitura e até gosto de ler o que eu odiava. (Ana Paola Ferreira, 7ª série.)

(...) eu até a algum tempo atrás não gostava de ler livros, mas o

tipo de leitura deste ano foi diferente com livros muitos bons e interessantes, após a leitura dos livros agente fazia uma coisa muito interessante que era o seminário (...) (José Hamilton Santos, 7ª série.)

É legal a gente não ter que ler porque se sente obrigado, a gente lê porque gosta, porque aprendeu a gostar da leitura, a analisar, a discutir. Sabe, fica um clima gostoso, a professora lê pra gente, nós mesmos lemos, e não tem aquele negócio de prova sobre o livro. Eu acho que se tivesse a gente até desanimava. (Adriana Rodrigues, 7ª série.)

Para lermos alguma coisa, temos que ter entusiasmo, e uma maneira disto é começando a ler na sala, porque aí, chegando em casa, queremos continuar a leitura já começada. Depois do livro lido, eu adoro fazer seminários, perguntas, ler o trecho mais importante. (Patrícia Cardoso, 7ª série.)

(...) eu, por exemplo, se fosse ler um livro para prova leria 3 vezes e não daria conta de fazer nada. (...) Depois que começamos a fazer este tipo de trabalho, minha leitura tem melhorado muito. (Vanessa Maria, 7ª série.)

Antes eu detestava ler, tinha pavor, lia por obrigação, mas nada. Agora eu passei a me interessar por leitura. (Patrícia Passos, 8ª série.)

Na 7ª série foi que eu descobri o prazer de ler, não lia simplesmente pelo nome do livro (...). Na 8ª série, foi melhor ainda... (Rejane Silva, 8ª série.)

Antes não gostava de ler (...). Com o método de ler por prazer, sem obrigação, passei a gostar da leitura, a pegar um livro e ler todo com satisfação o que não acontecia antes. (Cláudia Gonçalves, 8ª série.)

No início de 1984, na sétima série, eu custava a ler um livro todo. (...) Já neste ano de 1985, eu passei a gostar 100% mais que no início do ano passado. (Luiz Henrique, 8ª série.)

Antes eu tinha muita preguiça de ler, custava a pegar um livro e quando pegava não lia nem a metade. Hoje eu já consigo ler um livro todo, me interesso pelas histórias, agora acho a leitura muito importante. (Maria Aparecida Pimental, 8ª série.)

A arte da leitura é algo que deve ser mais cultuado em todas as escolas (...). O trabalho de seminário é importantíssimo, além de despertar a curiosidade sobre o livro, ainda tira dúvidas, e

tira lições que a gente não tinha enxergado, conscientizando sobre determinada crise social (desemprego, marginalização etc.). (Ana Paula Alves, 8ª série.)

Eu sempre gostei de ler. Mas lia os livros que queria o professor. Então a leitura era forçada, desagradável e isso não nos levava a ter o hábito de ler.

Agora já pego um livro para ler, por prazer, sem ser mandado. (Renato Andrade, 8ª série.)

Depois que eu li esses livros, comecei a entender o português muito melhor, como se a vida fosse muito melhor do que pensava, tendo idéias muito mais fortes para entender as coisas. (Roberto M.D. Souza, 8ª série.)